

ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO ISLÃ NA MÍDIA POPULAR ALEMÃ: UM ESTUDO DE CASO

Poliana Arantes (UERJ)¹

Resumo

A influência da mídia na opinião pública tem sido objeto de estudos desde os anos 50, através de estudos de recepção. Aparentemente o conceito de ideologia tinha uma função importante naquela época nos estudos dos meios de comunicação social. Hoje em dia, sob influência dos “Cultural Studies” na Inglaterra e na América Latina nos anos 80, outros aspectos como cultura e identidade são mais considerados. Tais aspectos também são considerados na análise da representação da imagem do islã nos tablóides alemães. A presente análise é operacionalizada através do uso da teoria linguística da Perspectividade de Köller e da análise do discurso². Isto significa que os elementos semânticos e seus contextos em uma reportagem de jornal foram escolhidos como objeto central para estudar a representação do islã na mídia popular alemã. O objeto de análise escolhido se configurou em uma reportagem do jornal BILD, que contém, como critério de seleção de texto, a palavra islã. Através de uma análise discursiva dos elementos semânticos da reportagem foram encontradas avaliações elucidativas sobre a cultura islâmica no tablóide mencionado acima.

Palavras-chave

Imprensa Popular; Perspectividade, Contextualização, Identidade Cultural; Análise do Discurso

Introdução

Os tablóides na Alemanha são conhecidos por “imprensa de sensação” porque esse termo designa uma estratégia jornalística discursiva que aparece de maneira prototípica como subconjunto do formato de tablóide e que, segundo Dulinski (2006), possui as seguintes características: i) é motivada pelo mercado midiático e tem como objetivo um mercado de massa; ii) temas e acontecimentos sensacionalistas são tipicamente baseados em uma escolha de conteúdo estandardizada. Geralmente fala-se de temas como sexo, crime e tragédia; iii) faz uso do meio formal-publicitário do sensacionalismo.

Este tipo de imprensa existe no espaço germanófono desde o início das publicações periódicas no século XV. Um exemplo disso é a publicação diária do jornal BILD, que, hoje em dia, tem a maior cota de leitura da Europa³. Essa presença clara e tradicional do jornal “para o leitor médio”⁴ no mercado de leitura alemão despertou a curiosidade e o interesse em uma análise de opiniões defendidas nesse jornal.

A apresentação da cultura islâmica no tablóide BILD foi escolhido como objeto de pesquisa devido à grande recorrência desse tema nos meios de comunicação social. A integração da população islâmica que vive na Alemanha é discutida como um problema não só na mídia impressa, como também na mídia digital.

Nesse sentido busca-se, através de um estudo de caso qualitativo, identificar as atribuições e qualificações do islã em uma reportagem do jornal BILD e interpretar essa imagem da mídia. Essa interpretação deve

1 Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atua no Programa de Pós-graduação em Letras na mesma instituição. Possui doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais e pela Albert-Ludwigs-Universität Freiburg.

2 Este artigo é resultado de trabalho apresentado à disciplina Medienlinguistik do Semestre de verão de 2013 na Albert-Ludwigs Universität Freiburg.

3 www.ivw.de

4 Opinião declarada de alguns leitores do jornal BILD que eu entrevistei no ano de 2012 para a minha teste de doutorado.

representar a imagem que se faz sobre os leitores desse jornal, sobretudo porque eles são os destinatários das notícias. Assim, Luhman estabelece: “o que sabemos sobre a nossa sociedade, sobre o mundo em que vivemos, sabemos através dos meios de comunicação social” (LUHMANN, 2004:9).

Destaca-se como imagem da mídia as predicções midiáticas de diversos tipos, tendo em vista certas questões, objetos ou atores (atribuições adjetivais ou adverbiais, construções de palavras, substantivações, verbalizações, etc., a simples aproximações contextuais de diversas expressões). Esses fenômenos midiático-linguísticos podem ser descritos como **padrão de frases**:

Rekurrentes(...) Auftreten von textuellen Einheiten in bestimmten Sprachausschnitten. (...) ‚Typisch‘ ist dabei nicht einfach mit ‚häufig‘ gleichzusetzen, sondern meint immer ‚häufig in Bezug auf bestimmte Sprachausschnitte‘. Ich schlage vor, dieses Phänomen typischen Sprachgebrauchs ‚Muster‘ zu nennen (BUBENHOFER, 2008: 408 ff).⁵

Como “a língua não serve só para a comunicação de opiniões prontas, mas também para a educação e estruturação de opiniões e de informação” (KÖLLER, 2004:313), a escolha lexical tem uma grande importância na interpretação e no julgamento da mensagem compartilhada. Além disso, uma análise comunicativa, discursiva, pragmática e, em parte, cognitiva a respeito dos atributos islâmicos em uma reportagem na primeira página do jornal BILD do dia 23 de abril de 2012 é apresentada com o título “Por que o Pregador do Ódio Ganha Dinheiro do Estado?”.

Na reportagem é relatado que um palestino é contra os “valores alemães” e, mesmo assim, ganha muito dinheiro do governo alemão. Esse sujeito, Abou-Nagie, foi descrito no jornal como “pregador do ódio” que tira proveito do subsídio do governo alemão. Além disso é visto como “radical islâmico”, motivo pelo qual ele deveria ser perigoso para a sociedade alemã. Defendemos que a publicação desse tipo de informação sobre um grupo radicalista islâmico na mídia popular alemã contribui para generalizar a comunidade islâmica de modo em geral, cristalizando uma imagem estereotipada e negativa do islã de modo generalista.

A seguir, a análise dos atributos que contribuem para a referida generalização será descrita.

Qualificadores

Nossa análise se inicia com os qualificadores. Em princípio deve-se notar que construções adjetivas correspondem à conexão linguística entre adjetivos e substantivos ou entre adjetivos e verbos. Elas servem “para indicar mais proximamente impressões básicas transmitidas por substantivos e verbos, razão pela qual elas também são designadas ‘adjuntos’” (KÖLLER, 2004:356). A análise desse tipo de palavra parece útil para apresentar uma visão de mundo em um texto, já que os adjetivos geralmente têm uma função descritiva ou avaliativa. Quanto a isso pergunta-se: Até que ponto os adjetivos devem ser consolidados na esfera do objeto ou do sujeito?

Como exemplo pode-se analisar duas construções atributivas na reportagem escolhida do jornal BILD:

(1) „ (...)eine gutbürgerliche Gegend, in der auch der frühere NRW-Ministerpräsident Jürgen Rüttgers (CDU) wohnt: **saubere Vorgärten**, gehobene Mittelklasse-Autos“ (BILD Zeitung, 23.April 2012, Z.45-53)⁶

5 Recorrente(...) Presença de unidades textuais em certos cortes de linguagem. (...), “Tipicamente” não é sinônimo, nesses casos, de “frequentemente”. Essa palavra (“tipicamente”) quer dizer sempre “frequentemente com referência a certos cortes de linguagem”. Eu sugiro chamar esse fenômeno de uso de linguagem típico de “padrão” (BUBENHOFER, 2008: 408 ff). (tradução nossa).

6 (1) “(...) uma região tradicional, onde o ex-ministro-presidente de NRW Jürgen Rüttgers (CDU) também mora: jardins limpos, carros chiques de classe média” (BILD Zeitung, 23.April 2012, Z.45-53). (Tradução nossa)



(2) „Islam-Hassprediger Ibrahim Abou-Nagie (...) hetzt in **unerträglicher Weise** gegen unsere Werte“ (BILD Zeitung, 23.April 2012, Z.1-5)⁷

Gramaticalmente falando pode-se chegar à conclusão de que ambas as construções são atributivas, visto que adjetivos descritivos foram utilizados para representar a tematização de possíveis atributos de coisas que são classificadas de acordo com a sua intensidade através de formas comparativas e superlativas.

Ambas as construções parecem não ser, na visão pragmática, semelhantes por terem classificações diferentes: o primeiro exemplo pode ser encarado de maneira mais concreta e objetiva, pois “**saubere Vorgärten**” (**jardins dianteiros limpos**) poderia ser uma descrição prototípica de um modo geral que também podem ser utilizada em contraposição a ideia de jardins sujos.

O segundo exemplo se refere a uma experiência mais abstrata, pois “**unerträglicher Weise**” (**de modo inaceitável**) parece ser experimentado subjetivamente por meio de diversas práticas discursivas, de acordo com a comunidade discursiva que se constrói em torno das enunciações. Em resumo, o processo do pensamento trabalha com ideias de imagens muito complexas e com vários níveis dessa abstração. “Nesses casos, além de componentes racionais, componentes emocionais também têm um papel importante” (Köller, 2004:631).

Principalmente ao se utilizar o adjetivo **inaceitável** podemos associar a ele lexemas que trazem componentes semânticos negativos para o sentido discursivo. Este significado parece indicar a criação de um fato: a avaliação negativa da suposta ação de Ibrahim Abou-Nagie. Por isso, “através da percepção central, chega-se a uma objetivização do subjetivo, na medida em que se define de antemão, através da visão do sujeito e do seu meio de percepção, o que é visto de que maneira” (KÖLLER, 2004:633).

Analisando pragmaticamente, isso ilustra que o adjetivo tem a função de “especificar e precisar uma noção básica tematizada com outras formas linguísticas, podendo recorrer a critérios que podem vir tanto da esfera do objeto quando da esfera do sujeito ou da relação entre ambos” (KÖLLER, 2004:357). Além disso ele manifesta as intenções de perspectiva de fala, de tal modo que os adjetivos utilizados nos transmitem tanto sobre a informação como sobre as criações de fatos dos enunciadores que recortam essa parte da realidade.

“Substantivização”

Interessante atentar para o papel importante que a substantivização exerce ao trazer os objetos para uma perspectiva determinada. Essa classe gramatical (Köller) representa um tipo de objetivização linguística e isto possibilita perceber o substantivo: “fenômenos substantivos objetivos são percebidos por nós como algo que existe independentemente e que é isolado como extensão independente na mente” (KÖLLER, 2004:349).

Como o substantivo corresponde a uma ideia específica de mundo que é encarada como fatual e objetiva, as formações substantivas das construções de palavras ganham um status especial. Isto pode ser ilustrado por meio da locução “pregador do ódio”, que, em alemão, é uma palavra composta (“Hassprediger”):

(3) „Warum kriegt der **Hass-Prediger** Geld vom Staat?“ (BILD Zeitung, 23.April, 2012)⁸

Essa construção de palavra (“Hassprediger”) é composta de duas classes de palavras: o substantivo “**Hass**” (“ódio”) e o verbo intransitivo “**predigen**” (“pregar”); o morfema de construção de palavras “**er**”

⁷ (2) “O pregador de ódio islã Abou-Nagie (...) calunia de modo inaceitável contra os nossos valores” (BILD Zeitung, 23.April 2012, Z.1-5). (Tradução nossa)

⁸ (1) “Por que o pregador do ódio recebe dinheiro do Estado?” (jornal BILD, 23 de abril de 2012)



é derivado do verbo (*nomina agentis*) como, por exemplo, em: “backen” > “Bäcker”; “lehren” > “Lehrer”. Esses substantivos adquiriram claramente, na nova ideia de substância, uma ideia de processo (Köller). A atribuição de certas complementações ilustra a ideia de processo: um pregador do ódio não é uma pessoa que tem ódio, e sim uma pessoa que[, como eclasiástico,] induz outros ao ódio em nome da igreja ou da comunidade religiosa (cf. Duden Wörterbuch, 2011:1368).

Segundo Köller as junções de palavras e os derivados possuem dois planos. De primeiro percebe-se um horizonte de sentidos de temática objetiva e, quando olhamos novamente, percebemos um horizonte de sentidos de reflexão. Geralmente essa questão não nos chama atenção, como falantes, mas se torna clara quando analisamos as palavras morfológicamente, discursivamente ou pragmaticamente. O processo de criação de combinações de palavras e de derivações, segundo Köller, possuem implicações semânticas e psíquicas.

Sprachökonomisch sind die einzelnen Wortbildungsverfahren insofern, als sie ermöglichen, einen Grundbestand von Wörter morphologisch und semantisch so aufzufächern, dass unterschiedliche Differenzierungsbedürfnisse befriedigt werden können, ohne das Gedächtnis übermäßig zu belasten (Köller, 2004, 358).⁹

Pode-se explicar sobre a razão mencionada que elaborações de conceitos (montagens de palavras que geram um conceito) utilizadas não precisam ser mencionadas como palavras completamente diferentes, pois pode-se lembrar de programas de montagem de palavras que, ao mesmo tempo, implicam programas de montagem de conceitos estandardizados.

Por trás da razão técnica e econômica há

die Sehnsucht nach einer durch und durch motivierten Sprache, deren Wörter keine willkürlichen Etiketten für nur konventionell legitimierte Begriffsbildungen sind, sondern sprechende Namen bzw. Abbilder für das, was sie inhaltlich repräsentieren (Köller, 2004, 359).¹⁰

Segundo Köller a ordem estrutural da língua deve ser a mais representativa do possível e a denominação dessa língua deve definir, de formas diferentes, o que elas representam. WANDRUSZKA (1958) e GAUGER (1970) utilizaram a metáfora **palavras transparentes** (*durchsichtige Wörter*) para tematizar o problema da perspectiva na formação de palavras com o auxílio de analogias óticas. Tais palavras chamam a nossa atenção para certas questões de tal maneira que “são apresentadas ao mesmo tempo as estratégias associativas e as cognitivas, sobre as quais as respectivas questões são deduzidas perspectivamente e são objetivadas” (Köller, 2004:360).

A perspectiva na formação de palavra é registrada no seguinte exemplo da reportagem: do verbo “**hetzen**” (incitar o ódio) forma-se o substantivo “**Hetzer**” (“aquele que incita o ódio”) (Jornal BILD, 23 de abril de 2012 Z.75). À primeira vista poderia-se dizer que ambas as construções comunicam ideias semelhantes, mas a diferença entre a utilização da forma verbal: “**er hetzt**” e da forma substantivada: “**der Hetzer**” deve ser explicada morfológicamente e discursivamente.

Ambas as formas possuem uma semelhança: a ideia de um processo, mas na forma substantivada (*nomina agentis*) “**der Hetzer**” a descrição do sujeito de modo fatural e atributivo ficou mais precisa: é dada uma avaliação cristalizada, pronta de uma pessoa como descrição. Essa pessoa é reconhecida

9 Os processos de formação de palavras individuais são linguisticamente econômicos desde que possibilitem uma base de palavras que possam ser dissociadas morfológicamente ou semanticamente de tal maneira que as suas necessidades de diferenciação possam ser satisfeitas sem sobrecarregar demasiadamente a memória (Köller, 2004, 358). (Tradução nossa).

10 o desejo linguístico-psicológico de uma linguagem motivada cujas palavras não são etiquetas arbitrárias para formações de conceitos convencionalmente legítimas, e sim substantivos ou reproduções expressivos para aquilo que eles representam em matéria de conteúdo (Köller, 2004, 359). (Tradução nossa).



através dessa clara característica: trata-se de um sujeito que incita o ódio; uma pessoa que tem essa ação como característica é uma combinação do sujeito e da sua atribuição do significado do verbo. Uma tal classificação é mais difícil de se duvidar do que o uso do verbo, que transmite a ideia de um processo. Já o substantivo produz uma imagem factual, uma caracterização fixa.

Resumindo, a utilização de construções substantivas tem uma forte tendência a produzir realidades inquestionáveis, ou pouco prováveis de serem questionadas, pois apresenta-se como um recorte do mundo factual. Por isso construções substantivas descrevem, nesse caso, um estado, uma característica intrínseca, que se interpreta de maneira mais fixa do que em uma construção verbal. A construção verbal implica, em contraposição a isso, um processo, não mais um recorte cristalizado do mundo, mas a um processo que teria fim. A construção verbal citada mostra o andamento de um acontecimento, em contraposição a isso a construção substantivada mostra um resultado.

Durch die Substantivierung des Geschehens wird das begriffliche und analytische Denken erleichtert, weshalb Fachsprachen auch eine immanente Neigung zur Entwicklung und Verwendung von Funktionsverbgefügen haben. Das anschauliche und beschreibende Denken wird demgegenüber erschwert, weil die transitive Dynamik des Geschehens nicht hervorgehoben wird und weil seine pragmatische Einbindung in Kontexte durch Tempus-, Modus und Genusmorpheme verloren geht (Köller, 2004, 420).¹¹

A partir disso chegamos à conclusão de que ambos os aspectos (construções substantivas e verbais) têm um papel importante na pesquisa de recepção porque sem dúvidas a substantivação é levada mais a sério e é considerada mais facilmente verdadeira e imparcial do que o processo verbal. Segundo Köller, o acontecimento tem um resultado automaticamente acentuado devido a substantivação e a objetivização de um acontecimento por um substantivo “promove uma visão de fora e, com isso, a sua percepção de resultado”¹² (KÖLLER, 2004: 420).

Além disso deve-se observar que, através da objetivização substantiva do acontecimento, a substantivação “chega [ao mesmo tempo] a uma grande generalização”¹³, já que cada processo tematizado não precisa mais ser obrigatoriamente especificado através de fenômenos de tempo e de modo, e sim como um acontecimento fechado. Por outro lado, a objetivização promove, através de um verbo, o olhar de dentro, além de uma associação correlativa do acontecimento aos fatores adicionais (KÖLLER, 2004: 420).

Contextualização

O termo **identidade cultural** foi cunhado por HALL (2006) e ele foi utilizado para uma análise construtivista sob consideração especial da construção de culturas e da identidade cultural no contexto pós-moderno da sociedade. Nesse contexto, Hall analisa a construção de identidade referente a mudanças contemporâneas através da globalização “a fim de opor a possibilidade de uma cultura híbrida (*sic*) a uma identidade cultural à construção relativamente e homogeneamente representada da identidade cultural, como, por exemplo, da identidade nacional coletiva” (KRONE, 2000:19)¹⁴ (Tradução nossa).

11 Através da substantivação do acontecimento o pensamento conceitual e analítico é facilitado, motivo pelo qual a linguagem técnica também tem uma tendência imanente para o desenvolvimento e utilização de junções de verbos funcionais. O pensamento claro e descritivo é, em contrapartida, dificultado porque a dinâmica transitiva do acontecimento não é destacada e porque a sua integração pragmática é perdida através de morfemas de tempo, modo e de gênero (Köller, 2004, 420).

12 „fördert den Blick von außen und damit seine resultative Wahrnehmung“ (KÖLLER, 2004: 420).

13 „zu einer größeren Verallgemeinerung kommt“

14 „um der Konstruktion relativ homogen repräsentierter kultureller Identität, wie beispielsweise der kollektiven nationalen Identität, die Möglichkeit hybrider Kultur (*sic*) und kultureller Identität entgegenzusetzen“ (KRONE, 2000:19).

O autor considera que a identidade produzida em uma relação circular em e para a cultura é consumida e regulada de tal forma que sistemas de representação simbólicos têm um papel decisivo porque eles têm que “ser entendidos não mais como ideias e representações de questões não pertencentes à língua, mas podem ser entendidos como sua constituição no modo do significado” (HALL 1994:8)¹⁵ (tradução nossa).

Correspondentemente, as imagens da representação do islã na reportagem do jornal BILD são analisadas, ligadas à análise do discurso linguística no conceito de contextualização (FOUCAULT, 1969,1971). Dito isso podemos dizer que a análise do discurso

dient der Erfassung des –notwendig gesellschaftlich geprägten - verstehensrelevanten Wissens und schreibt sich damit, obwohl stets aus Zeichen und Zeichenketten als Material bezogen, ein in den die Linguistik überschreitenden Rahmen einer umfassenderen Epistemologie (Busse 2007, S.81)¹⁶.

Segundo Foucault, a contextualização compreende diversos níveis e tipos. A fim de entender esses níveis e tipos, faz-se a seguinte pergunta (segundo Busse):

Zu klären ist daher die Frage nach dem Objekt der Kontextualisierung: Sind das, was kontextualisiert wird, sprachliche Zeichen oder sollte man eher davon ausgehen, dass es Elemente einer durch Zeichen aktivierten Textwelt sind, die in Kontexte (in Bezugsrahmen, in Wissensnetze) eingebettet werden (müssen), damit die Zeichenverwendungen angemessen verstanden werden können? (Busse 2007, S. 86)¹⁷.

A fim de descontar essa problemática, Busse constata que o termo **contextualização** refere-se a relação simbólica clássica. Quanto a isso cada um é contextualizado por ele mesmo:

- 1) os símbolos;
- 2) as representações atualizadas e cognitivas devidas a símbolos e
- 3) os elementos constituintes de mundos textuais (ou mundos possíveis) devido às representações simbolicamente induzidas cognitivas.

Nas representações cognitivas faz-se importante levar em consideração que as associações repetidas e a utilização de certos símbolos em situações especiais influenciam representações discursivas. Quando, por exemplo, o jornal BILD classifica a cultura islâmica com predicações negativas, está produzindo fatos e imagens negativas a respeito desse universo.

Segundo Busse, a contextualização de palavras em contextos de predicação constitui “a essência da integração determinante da semântica da frase”¹⁸. Um tal contexto de predicação é sempre uma “concretização específica de conhecimento, de acordo com o caso, de um contexto entre vários que é relacionado à palavra ou ao mundo (*sic*)”¹⁹ (BUSSE, 2007:89).

Os contextos de predicação da cultura islâmica apresentada, que estão sendo analisados na reportagem, estão ligadas ao sentido de forma negativa. Isto é, porém, disfarçado através da referência

15 “nicht mehr als nachträgliche Vor- und Darstellung außersprachlicher Sachverhalte, sondern als ihre Konstitution im Modus der Bedeutung selbst begriffen werden” (HALL 1994:8)

16 trabalha para a criação de um conhecimento de entendimento relevante necessariamente socialmente influenciado e escreve com isso, apesar de ser sempre referido como material de símbolos e cadeias de caracteres, uma epistemologia abrangente de um quadro excedido na linguística (Busse 2007, S.81).

17 Deve-se explicar a questão do objeto da contextualização: O que é contextualizado são símbolos linguísticos ou deve-se partir do princípio de que eles são elementos de um mundo textual ativado por símbolos que são (têm que ser) inseridos em contextos (em quadros de referência, em redes de conhecimento) para que a utilização de símbolos possa ser entendida adequadamente? (Busse 2007, S. 86).

18 „den Kern der für die Satzsemantik ausschlaggebenden Einbettung“

19 „fallspezifische Konkretisierung eines von mehreren verfügbaren wortbezogenen (weltbezogenen) Wissensrahmen (*sic*)“



a uma pessoa só, a que as predicações negativas visam, como se as predicações pertencessem apenas a um indivíduo.

A generalização pode ser confirmada devido ao fato desse indivíduo, pertencente à cultura islâmica, ser constantemente identificado negativamente. Pode-se mencionar também como exemplos as seguintes designações: **Islam-Hassprediger, Palästinenster, Initiator der radikalislamischen, salafistischen, Hartz-IV-Empfänger, (...)der vom Verfassungsschutz beobachtet wird(...), Hetzer, (...) dass er Geld vom deutschen Staat erhält, besonders dreist. (“Pregador do islã do ódio, palestino, promotor do islamismo radical, salafista, recebedor de Hartz-IV, (...) que é acompanhado pelo Departamento de Segurança Doméstica (...), incitador de ódio, (...) que recebe dinheiro do Estado alemão, muito folgado.”)**

Essas predicações negativas possibilitam associações e integrações tipificadas da cultura islâmica em contextos de práticas discursivas, motivados sobretudo pela repetição.

Sobald solche Formen von Einbettungen aber häufiger oder sogar regelmäßig wiederholt werden, werden sie selbst wieder zu Mustern bzw. Typisierten Wissensrahmen eigenen Rechts, deren Einbettungsfunktion dann hinsichtlich des Kontextualisierungspotentials von relevanten Wortzeichen Teil deren wortsemantisch relevanten Wissens werden kann (Busse 2007: 90)²⁰.

O autor parte do princípio de que os contextos de conhecimento são ligações de predicações com pontos de referência (pontos de argumentação). Consequentemente, essas ligações constituem, de um lado, a forma de contextualização mais importante para símbolos de palavras com função de referência em relação ao ponto de referência e, de outro lado, a forma de contextualização mais importante para símbolos de palavras com função de referência em relação às predicações.

Além disso, muitas predicações em frases nem sempre são realizadas de maneira explícita em expressões predicativas. O melhor exemplo para isso é a predicação mencionada acima: **recebedor de Harz-IV**. Acrescenta-se a isso conhecimento específico de contexto ao uso. Esse conhecimento de contexto específico forma, junto a ele, uma relação entre o conhecimento cultural e o conhecimento topológico. Disso resultam as seguintes perguntas: sobre o quê é falado no grupo social específico, a que os leitores pertencem? Que imagem os leitores concebem sobre os recebedores de Hartz-IV? Que imagem dos recebedores de Harz-IV é construída no jornal BILD?

Neste caso apela-se às competências contextuais dos leitores, já que se trata de uma implicação, segundo Grice. A implicação depende do contexto e requer um significado de contexto adicional da parte do leitor, já que ela não é aparece imediatamente.

Apesar do pré-requisito do contexto, os contextos de conhecimento guardados na memória também podem dar indícios se as expressões de pontos de referência utilizadas transmitem informações implícitas predicativas. Possivelmente um ou mais contextos de predicação têm que ser ativados para que a interpretação da predicação seja suficiente. Essas predicações adicionais ativadas denominam-se **presuposições**.

Essas presuposições são, contrariamente à implicação, ligadas estreitamente à estrutura linguística da frase no texto ou na conversa. As presuposições aparecem ligadas a lexemas especiais ou a construções sintáticas que são designadas desencadeadores de presuposições. Dependendo da teoria os tipos de presuposição variam ²¹.

20 Assim que essas formas de integração forem mais frequentes ou mesmo que forem repetidas regularmente, elas se tornam um padrão, um contexto de conhecimento tipificado do próprio direito cuja função de integração pode se tornar, tendo em vista o potencial de contextualização de símbolos de palavras relevantes, parte da semântica das palavras de conhecimento relevante (BUSSE 2007: 90).

21 Veja Frege (1892), Russel (1905), Strawson (1952), Sellars (1954), Grice (1967/1975), Morgan (1969), entre outros.

Präsuppositionen haben mit konversationellen Implikaturen gemeinsam, dass sie nicht zum explizit ‚Gesagten‘ gehören, sondern aus der jeweiligen Äußerung pragmatisch erschlossen werden können. Beide sind auf jeweils bestimmte Weise kontextabhängig (DÖLLING, 2013)²².

Através da análise dos tipos de presuposições e através das implicações as opiniões veladas nos textos tornam-se visíveis. Com respeito a isso o potencial de perspectiva da conjunção pode ser reconhecida.

Em princípio deve-se prestar atenção no fato das conjunções terem um papel central na criação de correlações entre citações individuais e, como resultado, apresentarem uma concepção de um contexto de ordem complexo a partir disso. Por isso Humboldt (1969) acredita que conjunções sejam diretamente ligadas ao “poder do espírito de construção linguística”²³.

Um exemplo disso é a utilização do operador adversativo **mas**, que expressa uma oposição em que duas ideias são relacionadas uma com a outra com sentido de oposição:

(4) „Islam Hassprediger Ibrahim Abou-Nagie(47), gebürtiger Palästinenser, hetzt in unerträglicher Weise gegen unsere Werte – **aber** Geld vom deutschen Staat nimmt er mit offene Händen!“ (BILD Zeitung 23.April 2012, Z.1-7)²⁴.

O operador adversativo **mas (aber)** tem um papel essencial na construção discursiva do sentido do enunciado, sobretudo porque produz uma relação negativa ao comportamento esperado e o comportamento “real” do sujeito em questão. Dinheiro do Estado não deveria ser dado a Ibrahim Abou-Nagie e a frase torna explícita essa recriminação. O operador adversativo **mas** expressa que o acontecimento descrito acima não corresponde à expectativa. Através disso pode-se observar que duas orações podem relacionar-se em consonância quanto ao conteúdo, mas que elas não podem ser ligadas uma a outra quanto à ideia central, e sim devem ser percebidas através de uma relação de tensão entre expectativa e quebra de expectativa.

Há, desse modo, uma negação implícita na frase, já que a desaprovação do jornal se torna clara através de uma estrutura adversativa. No contexto da função pragmática a negação possui uma função de perspectiva comunicativa já que a princípio não une a dimensão da temática do assunto, mas a dimensão da temática da reflexão. Além disso a negação tem um caráter metalinguístico porque qualifica o valor das expressões linguísticas objetivas de modo metainformativo (KÖLLER, 2004).

Nesse ponto as negações marcadas também devem ser observadas já que elas ilustram opiniões explícitas. Como exemplo para isso podemos comentar o uso de uma frase preposicional:

(5) „Entgegen den Grundsätzen unserer freiheitlich-demokratischen Rechtsordnung (...)“²⁵ (BILD 23.April 2012, Z.67-73).

Nesse caso uma opinião adversativa também é construída e realizável quando se tem algo para se negar. Por isso a frase adversativa dá ênfase ao fato de na Alemanha existir um sistema legal livre e democrático. Já que a existência de um sistema legal desse tipo é garantido, é possível colocá-lo em oposição. Resumindo, todas as frases adversativas são asserções veladas a serem ativadas como presuposições.

22 Presuposições têm em comum com implicações de conversação o fato de não pertencerem a algo explicitamente dito, e sim poderem ser deduzidas pragmaticamente de acordo com a expressão em questão. Ambas são de certa forma dependentes do contexto (DÖLLING, 2013). (Tradução nossa).

23 „Kraft des sprachbildenden Geistes“

24 O pregador do islã do ódio Ibrahim Abou-Nagie (47), palestino de nascença, calúnia de forma insuportável contra os nossos valores - mas dinheiro do Estado alemão ele recebe de mãos abertas!. (Tradução nossa).

25 Contra os princípios do nosso sistema legal livre e democrático (...). (Tradução nossa).

Os advérbios modais têm, conforme a sua lógica de informação, uma função predicativa como operadores de opiniões com os quais o falante, ao interpretar, pode referir-se aos conteúdos e proposições de sua manifestação²⁶.

Como tais verbos expressam um comentário de falante orientado no sujeito, eles também são considerados nesta análise. O exemplo seguinte ilustra o caráter subjetivo da notícia:

(6) „Der Hassprediger kassiert vom Staat Stütze **satt**“ (BILD 23.April 2012, Z.20-23)²⁷.

Farta (satt) também deve ser considerado um advérbio modal porque comunica um ponto de vista do enunciador e uma qualificação da função de perspectiva é efetuada, já que ele parece enfatizar que Abou-Nagie recebe mais dinheiro do que precisa.

A utilização de partículas modais acentuam a importância de proposições em processos linguísticos de objetivação e de interação, de tal forma que, através das manifestações do enunciador, um relevo de sentido específico e pragmático é dado. Através do uso de partículas modais por meio dos enunciadores „kann man über ihre Analyse auch recht gut deren Vorwissen, Denkvoraussetzungen und Intentionen rekonstruieren“²⁸ (KÖLLER, 2004:538)

Nesse contexto, também o uso dos advérbios é bastante elucidativo no exemplo seguinte:

(7) „Auf Nachfrage bestätigt der Hetzer, dass er Geld vom deutschen Staat erhält – wenn auch **angeblich** nicht in der berichteten Höhe (...)“²⁹ (Z. 74-78).

No enunciado acima o advérbio desempenha a função de expressar dúvida (o enunciador não concorda que o sujeito não recebe a quantia relatada do Estado. Ele duvida). Além disso a perspectiva sinalizada do enunciador, que expressa a sua dúvida, também denota um ponto de vista provocante e argumentativo.

Quanto a isso o título questionador da reportagem também tem implicações de perspectiva, motivo pelo qual o significado discursivo do título será o último aspecto analisado neste artigo.

A análise das perguntas parece talvez muito trivial, mas as perguntas resultam de uma atitude de pesquisa e conduzem a nossa atenção a certos déficits de informação. Porém, quando se tem interesse quanto a quais implicações de perspectiva têm os tipos individuais de perguntas como padrão de perspectiva convencionalizado e como esse padrão é aplicado em situações de comunicação específicas, chega-se à seguinte conclusão: „Fragen lassen sich zweifellos als perspektivierende geistige Handlungen verstehen, die einen bestimmten Ausgangspunkt und eine bestimmte Zielorientierung haben“³⁰ (KÖLLER, 2004: 660).

O título da reportagem aparece como pergunta complementadora (Köller, 2004:665) que é identificada morfologicamente através de um pronome interrogativo.

(8) „Warum kriegt der Hass-Prediger Geld vom Staat?“³¹ (BILD, 23. April 2012)

26 Cf. E.Lang, Zum Status der Satzadverbiale, Slovo a Slovonost, 40, 1979, p.212.

27 O pregador do ódio cacifa ajuda farta do Estado. (Tradução nossa).

28 pode-se reconstruir sobre a sua análise os seus conhecimentos de mundo, as suas condições de pensamento e as suas intenções bem o suficiente. (Tradução nossa).

29 Quando perguntaram a ele o caluniador afirmou que ele recebe dinheiro do Estado alemão - mesmo quando supostamente não seja na quantia relatada (...). (Tradução nossa).

30 Perguntas podem ser, sem dúvida, entendidas como ações mentais perspectivadoras que possuem um certo ponto de partida e uma certa orientação em direção ao objetivo. (Tradução nossa).

31 Por que o pregador do ódio recebe dinheiro do Estado?. (Tradução nossa).

Interessante notar que a estrutura de pergunta retórica aponta para uma perspectiva de sentido do próprio jornal, pois reconhece-se uma contradição: por que o Estado deveria financiar um pregador-do-ódio?. Nesse sentido, a pergunta constroi a perspectiva assumida pelo enunciador. KÖLLER (2004: 666) assume que as estruturas da ordem de uma pergunta desse tipo, que concentram o nosso interesse de percepção na força da informação de uma certa parte da frase, exemplificam muito claramente que „in Fragen im Prinzip verdeckte Aussagen stecken bzw. Behauptungen über die Korrelation von bestimmten Sinneinheiten“³².

Diese implizierten Behauptungen sind in der jeweiligen Fragehandlung unthematisch, aber sie müssen von den Befragten akzeptiert werden, wenn sie die jeweiligen Fragen so zu beantworten versuchen, wie es der jeweilige Fragetyp nahe legt. Diese immanenten Prämissen von Fragen reichen von der Annahme, dass die jeweiligen Wörter einen referenziellen Bezug haben, bis zur Annahme, dass das postulierte Korrelationsgeflecht zwischen den jeweiligen sprachlichen Sinneinheiten sinnvoll ist³³ (KÖLLER, 2004: 666).

Soma-se a isso o fato de o ponto de vista estar oculto na pergunta que foi feita no título da reportagem. Quando se utiliza o pronome interrogativo **por que** aborda-se uma problemática particular. Nesse caso o problema reside no fato de uma pessoa receber dinheiro do Estado devido a um motivo específico, mesmo quando essa pessoa aparentemente (por causa do seu comportamento como pregador do ódio) não o mereça. Fora essa problemática, a pergunta possui uma afirmação: alguém que mostra um comportamento ruim ganha, mesmo assim, dinheiro do Estado.

Ao mesmo tempo pode-se constatar que os sentidos desse tipo de pergunta nem sempre podem ser derivados concludentemente das estruturas formais, mas sim interpretativamente a partir da integração das respectivas perguntas em certas situações, ou práticas discursivas (KÖLLER, 2004).

Visto pragmaticamente, a questão do título da reportagem é um exemplo de variantes de função que se apresentam formalmente como perguntas, mas que não são designadas a fechar certas lacunas de informação das pessoas a quem as perguntas se dirigem, mas possuem outras funções pragmáticas. Esse tipo de pergunta são denominadas de perguntas retóricas.

As perguntas retóricas são ligadas a atos de fala declarativos e por isso são também denominadas, em alemão, “**Scheinfragen**” (“**perguntas aparentes**”) ou “**Fragemitteilungssätze**” (“**perguntas comunicativas**”) (Köller, 2004). No exemplo citado acima (8) mostra-se que a pergunta pode ser interpretada como pergunta retórica porque ela mantém a ilusão de que o coenunciador admite a incerteza do que está sendo questionado, ao invés de questionar a própria pergunta. Apesar da pessoa a quem a pergunta se dirige ser confrontada com uma afirmação, ela é incluída, de forma estratégica, na construção do fato e não é confrontada com afirmações que poderiam colocar em dúvida essa construção.

Considerações Finais

A análise linguística discursiva da representação de membros da comunidade islâmica no tablóide BILD pode ser entendida como contribuição discursiva de uma análise cultural pragmaticamente inspirada. Através da análise das atribuições, o acesso à opinião e a imagens sobre o islã é possibilitado através de

32 perguntas possuem, em princípio, declarações ocultas ou afirmações sobre a correlação de certas unidades de sentido. Tradução nossa.

33 Tais afirmações implícitas são atemáticas nas respectivas perguntas, mas elas precisam ser aceitas pelas pessoas a quem as perguntas se dirigem se elas tentam responder às respectivas perguntas conforme o respectivo tipo de frase sugere. Essas premissas imanentes de perguntas que vão desde a pressuposição de que as respectivas palavras sejam referenciais à pressuposição de que as redes de correlação entre as respectivas unidades linguísticas de sentido sejam razoáveis (KÖLLER, 2004: 666).



um único representante da religião em questão. O termo atribuição é descrito, segundo KÖLLER (2004) como surgimento de atributos que são considerados „dementsprechend als bestimmte Formen von Determinationsrelationen bzw. als implizite Prädikationen“³⁴ que podem ser „ein potenzielles Einfallstor für einen manipulativen Sprachgebrauch“³⁵ sein können (KÖLLER, 2004:636).

Partindo da classe de palavras “adjetivo” e a sua função especificadora da esfera do sujeito chegou-se à conclusão de que sua utilização contribui para especificar e precisar noções tematizadas. Nossas análises demonstraram duas possibilidades: a integração em um julgamento independente e a utilização atributiva e adverbial em uma caracterização.

A classe de palavras “substantivo” mostrou que „substantivisch objektivierte Phänomene recht problemlos zum Substrat präzisierender Zusatzinformationen auf der prädikativen oder attributiven Ebene gemacht werden können“³⁶ (KÖLLER, 2004: 349), desde que se considere o substantivo como algo cristalizado e estigmatizador. Como exemplo pode-se ilustrar isto nos termos “pregador-do-ódio” “incitador do ódio”. Os substantivos possuem, desse modo, não só uma função de sujeito no discurso, como também cristalizam-se na predicação de julgamento ligada a eles. Não há dúvidas de que o indivíduo “pregador do ódio” é julgado negativamente.

Finalmente, a imagem do islã foi analisada através da contextualização. A contextualização foi considerada parte da construção da identidade islâmica apresentada já que ela não oferece somente elementos para uma análise linguística externa (subentendidos, contextos de conhecimento), mas também para elementos linguísticos internos e suas relações (implicações e presuposições).

Segundo Busse, a contextualização de palavras em contextos de predicação são o cerne da integração determinante para a semântica da frase.

Em contexto midiático (Luhmann) pode-se interpretar os padrões linguísticos selecionados como propostas de atribuições e de conhecimento negativas para sujeitos leitores em potencial da mídia. No centro das mídias de tablóides há a identidade política construída da população muçulmana através da representação de um único membro: ele calunia contra os valores não-islãs, é “um radical muçulmano” e recebe dinheiro do Estado: “Recebedor de Hartz IV”, tira proveito disso: “diante da sua casa valiosa no norte de Colônia - uma região tradicional, na qual o ex-governador da Renânia do Norte-Vestfália Jürgen Rüttgers (CDU) mora: jardins dianteiros limpos, carros luxuosos de classe média” e é intimidador: “que é observado pelo Departamento de Segurança Doméstica”.

A presente análise deve ter a sua generalização negligenciada e deve, pela sua escolha metodológica (estudo de caso), postular apenas tendências. Tais tendências são limitadas a uma reportagem específica em um exemplar de jornal específico. O objetivo desta análise não foi, de nenhum modo, realizar uma generalização da opinião da mídia sobre o islã nem na Alemanha nem no jornal BILD como um todo.

Referências bibliográficas

BUBENHOFER, N. *Diskurse berechnen? Wege zu einer korpuslinguistischen Diskursanalyse*. In: Methoden der Diskurslinguistik. Sprachwissenschaftliche Zugänge zur transtextuellen Ebene, 407-434. Hrsg. von Ingo Warnke und Jürgen Spitzmüller. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 2008.

34 consequentemente formas particulares de relações de determinação e predicações implícitas. Tradução nossa.

35 um portão de entrada em potencial para uma utilização manipuladora da língua. Tradução nossa.

36 fenômenos substantivadores e objetivadores podem ocorrer sem problemas para o substrato de informações adicionais precisas no plano predicativo ou atributivo. Tradução nossa.



- BUSSE, D. *Diskurslinguistik als Kontextualisierung – Sprachwissenschaftliche Überlegungen zur Analyse gesellschaftliche Wissens*. In: WARNKE, Ingo H. (Hgb). *Linguistik Impulse und Tendenzen: Diskurslinguistik nach Foucault – Theorie und Gegenstände*. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.
- DÖLLING, Johannes. Folie von Seminar *Präsupposition, Fokus, Topik*. Uni-Leipzig Winter Semester 2012/2013.
- GAUGER, H. *Wort und Sprache*. Wissenschaftliche Grundfragen, Tübingen, 1970.
- HALL, S. *Rassismus und kulturelle Identität*. Ausgewählte Schriften 2. Hamburg 1994.
- HUMBOLDT, W. *Gesammelte Schrifte*. Berlin: Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften, 1969.
- KÖLLER, W. *Perspektivität und Sprache*. Berlin: Walter de Gruyter, 2004.
- KRONE, V. *Identität, Multikulturalismus und Konstrutivismus: Eine exemplarische Analyse unter besonderer Berücksichtigung des Identitätsdiskurses der Migration*. Diplomarbeit, Universität Köln, 2000. Disponível em: http://www.uni-koeln.de/hf/konstrukt/texte/download/krone_diplarbeit.pdf. (13/02/2013).
- LUHMANN, N. *Die Realität der Massenmedien*. Wiesbaden: VS- Verlag, 2004.
- WANDRUSKA, M. *Ethymologie und Philosophie*, In: *Der Deutschunterricht*, 10, H.4, 7-18, 1958.
- WEGERHOF, M. *Warum kriegt der Hass-Prediger Geld vom Staat?*. Bild Zeitung, 23. April, 2012.

Recebido em 15 de junho de 2016.
Aprovado em 20 de novembro de 2016.

IBRAHIM ABOU-NAGIE

Warum kriegt der Hass-Prediger Geld vom Staat?

Fortsetzung von Seite 1

Von M. WEGERHOFF

Köln – Islam-Hassprediger Ibrahim Abou-Nagie (47), gebürtiger Palästinenser, hetzt in unerträglicher Weise gegen unsere Werte – aber Geld vom deutschen Staat nimmt er mit offenen Händen! Abou-Nagie ist Initiator der radikalislamischen, salafistischen „Lies!“-Aktion und – man fasst es nicht: Hartz-IV-Empfänger!

Sein Islam-Netzwerk „Die wahre Religion“ verteilte an Ostern Koran-Ausgaben in ganz Deutschland, will Millionen weitere Exemplare unters Volk bringen. Der Hassprediger kassiert vom Staat Stütze satt – und hetzt gegen Andersgläubige: „Wer nicht dem Koran folgt, kommt ewig in die Hölle“!

Laut „Stuttgarter Nachrichten“ kommt Abou-Nagie, der vom Verfassungsschutz beobachtet wird, auf 2300 bis 2500 Euro inklusive Kindergeld (zwei Töchter, ein Sohn). Ermittler, so berichten die „Stuttgarter Nachrichten“, seien verwundert, wie der Palästinenser seine „teilweise sehr, sehr hohen Handyrechnungen bezahlt“.

BILD-Reporter trafen Abou-Nagie gestern vor seinem schmutzigen Reihenhaus im Kölner Norden – eine gutbürgerliche Gegend, in der auch der frühere NRW-Ministerpräsident Jürgen

Rüttgers (CDU) wohnt: saubere Vorgärten, gehobene Mittelklasse-Autos.

Von hier hetzt Abou-Nagie im Internet, ruft zur Scharia (islamische Rechtsordnung) auf: „Christen, Juden kommen in die Hölle, wenn sie den Islam nicht annehmen! Wenn wir uns am Jüngsten Tag treffen, werden Sie sehen, dass ich recht habe. Wenn jemand verheiratet ist und Unzucht begeht, der muss gesteinigt werden. Das sind Allahs Gesetze!“ **Entgegen den Grundsätzen unserer freiheitlich-demokratischen Rechtsordnung fordert er eine Regierungsform auf Grundlage von Koran und Scharia!**

Auf Nachfrage bestätigt der Hetzer, dass er Geld vom deutschen Staat erhält – wenn auch angeblich nicht in der berichteten Höhe: „Ich bekomme 1860 Euro pro Monat. 1200 Euro gehen direkt für die Miete drauf.“ Vor dem Haus steht eine Mercedes Limousine (C-Klasse, Neupreis: 35 000 Euro) – „aber die bezahlt jemand anders für mich.“

Besonders dreist: Der deutsche Staat sei schuld, dass er von Stütze leben müsse. Der Palästinenser, der bis 2007 eine Firma für selbst klebende Folien gehabt haben will, sagt: „Damals sollte ich 70 000 Euro nachzahlen. Das habe ich aber aus Prinzip nicht gemacht. Danach hat der Staat meine Firma bankrott gehen lassen.“

Ibrahim Abou-Nagie (47)

Foto: DDP IMAGES/DAPD

